

## O Crasto de Palheiros Murça (Norte de Portugal). Notas sobre um povoado proto-histórico em Trás-os-Montes<sup>1</sup>

Maria de Jesus Sanches<sup>2</sup> e Dulcineia Bernardo Pinto<sup>3</sup>

### 1. Localização e caracterização geográfica

O povoado proto-histórico denominado de Crasto de Palheiros situa-se na freguesia de Palheiros, concelho de Murça e distrito de Vila Real. As coordenadas de um ponto central da estação são: Lat. – 41° 24' 9" N; Long. 7° 22' 45" W; 590 metros de altitude absoluta, segundo a C.M.P. 1:25 000, folha 89 (1997).

Crasto, ou *Fragadas do Crasto*, é o maciço de xisto quartzítico mais elevado da “crista” da dobra anticlinal, situada a Sudeste da aldeia Palheiros, no flanco esquerdo da ribeira de Vale da Ria, subafluente, do rio Tinhela bastante próximo da confluência deste com o rio Tua. O maciço ocupado pelo povoado *soergue-se em pico ou arriba* em cerca de 50 metros acima das altitudes médias do eixo da crista, isto é, acima dos 550 m.

Embora já no distrito de Vila Real, implanta-se no extremo SW da denominada “bacia de Mirandela”, muito perto da zona de fronteira entre as rochas metassedimentares desta zona mais depressida (xistos e quartzitos), e a dos granitos que, a W, dão origem a um relevo marcado por pequenos planaltos e serras; estes podem genericamente ser incluídos na zona sul da Serra da Padrela (Fig.1). Deste modo, em termos climáticos e fitossociológicos o Crasto inclui-se no Superdistrito da Terra Quente (Costa et al. 1998, 26), com clima submediterrânico, seco.

### 2. Objectivos da pesquisa

Aquando do início das nossas pesquisas em 1995, o Crasto de Palheiros era um sítio mal conhecido, embora Sande Lemos (1993, 198) tenha percebido desde logo tratar-se dum local ocupado durante e Calcolítico e a Idade do Ferro. As nossas primeiras observações, após o incêndio de 1993, levaram-nos a interpretar o sítio como sendo exclusivamente pré-histórico. E foi para entender este sítio excepcional no contexto da Pré-história regional, que uma de nós (MJS) iniciou as escavações em 1995<sup>4</sup>. Na estação desenhavam-se claramente duas plataformas, uma mais interior, e outra, exterior, rodeadas de construções pétreas, algumas similares a muralhas, mas de traçado difícil de discernir antes duma limpeza de parte da vegetação, bem como das escavações que entretanto se iniciaram (Sanches 2000-01, 10). Após a primeira limpeza destinada ao levantamento topográfico, ficou claro que o povoado integrava realmente

<sup>1</sup> A investigação bem como os trabalhos de musealização destes sítios contaram com o apoio das seguintes entidades: Fundação para a Ciência e Tecnologia (através do CEAUCP), IPPAR, IPA, Câmara Municipal de Murça, (nos últimos anos através do Programa Operacional da Cultura: medida 9.3).

<sup>2</sup> Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto; msanches@vianw.pt

<sup>3</sup> Estudante de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; investigadora associada do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto; dcbpinto@sapo.pt

<sup>4</sup> Dulcineia Pinto juntou-se ao projecto nos trabalhos de campo de 2002 e de 2003.

dois recintos concêntricos, o interior imponentemente soerguido relativamente ao exterior, sendo cada um deles circunscrito por muralhas. Contudo, estas só eram visíveis nalguns dos seus troços, pelo que nem sequer na actualidade é possível verificar o seu traçado original. Esta deficiente percepção também é devida ao facto de o local ter sido usado como pedreira. Ora, eram precisamente os blocos mais regulares das muralhas aqueles mais apetecíveis. Assim, toda a muralha inferior W já desapareceu, bem como quase toda a muralha norte (Fig.5.3 e 5.4).

Na realidade, um dos primeiros objectivos foi o de realizar um levantamento topográfico de pormenor que desse a conhecer integralmente a topografia do sítio, nomeadamente a forma como as estruturas arquitectónicas se adaptaram à arriba sul e à grande quantidade de penedos quartzíticos que se distribuem por todo o morro. Desde logo se percebeu que no exterior das possíveis linhas de muralha existiam extensos e potentes derrubes. No entanto, a escavação de 1995 veio mostrar que tais “derrubes” correspondiam a taludes pétreos, nalguns troços muito destruídos. Também se observou desde o início que tais taludes eram de fundação calcolítica, e que tinham sido estes os principais responsáveis pela “modelação topográfica” que ainda na actualidade exhibe este morro.

As escavações subsequentes, nos anos de 1996, 97, 98, 99, 2000, 2002 e 2003, destinaram-se a definir e caracterizar a ocupação humana do local que de imediato se pôde entender como pertencendo a dois períodos distintos: um situado no Calcolítico e outro na Idade do Ferro. Este texto debruça-se sobre as ocupações datadas da Idade do Ferro.

### 3. Áreas escavadas e metodologia de registo

Como se referiu atrás, a estação conta na sua fase terminal de ocupação com dois recintos genericamente concêntricos. Por razões metodológicas e de registo, dividimos espacialmente a estação por áreas, a que atribuímos denominações específicas. O recinto interior/superior foi denominado de Unidade Interna (U.I.), e o exterior/inferior, de Unidade Externa (U.E.). A Unidade Interna integra a plataforma superior (P.S.) rodeada de um talude interno (T.I.), bem como da respectiva muralha (muralha superior ou interna), que encima o talude. A Unidade Externa (U.E.) integra a plataforma inferior (P.I.) rodeada de um talude externo (T.E.) e, nalguns locais, da muralha inferior ou externa.

Até à data foram intervencionadas fundamentalmente as áreas Leste e Norte. Na zona Leste detectaram-se estruturas e estratigrafias da Idade do Ferro na plataforma inferior (P.I.L.) bem como no talude exterior (T.E.L.) (Fig.2 e 3). Na plataforma superior Leste só foi identificado o arranque da muralha interna, *supondo-se* que os sedimentos correspondentes a esta ocupação tenham escorregado pela encosta. Na zona Norte só foram identificadas estruturas e estratigrafias conjugadas com aquelas na plataforma inferior (P.I.N.). Dessas estruturas faz também parte a muralha externa. O mesmo aconteceu na Plataforma inferior Leste (P.I.L.), onde a muralha, no momento terminal da ocupação da I. Ferro, se articula com estruturas e estratigrafias.

Tal como na plataforma superior Leste (P.S.L.), também na plataforma superior Norte (P.S.N.) só se detectou o arranque da muralha, sem articulação com sedimentos não remexidos. Porém no centro da plataforma superior foi escavada uma estrutura habitacional, incendiada, datada da fase final do povoado da Idade do Ferro.

Na campanha de 1995 o registo estratigráfico foi feito por camadas naturais, numericamente ordenadas em cada uma das áreas intervencionadas (por ex., camada 1, 2, 3, etc.). A partir da campanha de 1996 e dada a necessidade de registar micro-unidades estratigráficas bem como estruturas, optou-se por um outro tipo de registo mais pormenorizado. Cada pequena unidade estratigráfica ou estrutura foi denominada de “complexo”, cuja abreviatura é “lx”<sup>5</sup>.

#### 4. Publicações sobre esta estação

A informação disponível sobre o Crasto de Palheiros é já considerável. É constituída por duas dissertações de mestrado, policopiadas, de Isabel Amorim (1999), e de Sandra Barbosa (1999), defendidas na FLUP, e algumas publicações: Sanches, 1996; 1997; 1999; 2001-2002; 2001; 2002; 2003; 2004; Nunes e Ribeiro, 2000; Gomes, 2000-2001; 2002; Pinto, 2003; Figueiral e Sanches, 2003. Encontra-se em preparação um estudo monográfico desta estação com o título “Crasto de Palheiros-Murça (Vila Real). Resultados das Escavações 1995-2004”<sup>6</sup>.

#### 5. Criação e desenvolvimento espacial e cronológico do povoado

##### 5.1. “Faseamento”

A ocupação correspondente à Idade do Ferro foi denominada de “fase” III que, segundo as datas de radiocarbono disponíveis terá tido início nos começos do século V AC. No entanto o sítio já havia sido abandonado pelas populações calcolíticas no final do IIIº milénio AC (Sanches, 2003; 2004). Isto quer dizer que quando as populações da Idade do Ferro escolheram o Crasto para a fundação de um povoado, a maioria das estruturas anteriores estariam parcialmente arruinadas e, quiçá, o monte estaria coberto de vegetação. No entanto, as construções calcolíticas e particularmente os taludes pétreos haviam “moldado” a topografia do monte criando uma imagem que supomos similar àquela que é mostrada na planta topográfica da fig. 2. Deste modo, as construções mais antigas que localizámos na área Leste, tanto na plataforma (P.I.L.) como no talude (T.E.L.) responderão a uma escolha espacial e urbanística condicionada pela topografia e restos de estruturas pré-existentes. Nas restantes áreas do povoado ainda não se escavou em profundidade suficiente para podermos afirmar da existência deste momento mais antigo.

Não foi detectado no Crasto um faseamento discreto. Apesar de em publicações anteriores a Idade do Ferro – ocupação III do sítio – ter sido subdividida, por razões metodológicas, em três subfases – III-1, III-2 e III-3 –, vamos propor aqui uma outra ideia de desenvolvimento cronológico do povoado. Esta ideia baseia-se em mais de dezena e meia de datas de radiocarbono, bem como no enorme alargamento da escavação realizado nas campanhas de 2002 e 2003. Assim, embora não possamos propor fases discretas (e de não termos ideia se o estudo pormenorizado dos dados arqueográficos e outros permitirão essa compartimentação cronológica), consideramos *um primeiro momento de ocupação continuada do sítio* com início no século V<sup>7</sup> e que termina por volta da viragem da Era/ou dos meados do século I DC, com a

<sup>5</sup> A explicação pormenorizada deste tipo de registo encontra-se em: Sanches 2000-2001, 11.

<sup>6</sup> Trata-se duma obra colectiva, coordenada por M.J. Sanches, a publicar, em 2005, pela Câmara Municipal de Murça no contexto do Projecto POC referido na nota 1.

<sup>7</sup> Os valores fornecidos pelas seis datas de radiocarbono apontam um período que vai dos meados do século V AC a meados do século I AC.

ocorrência de um grande incêndio. Seriam as antigas subfases III-1 e III-2 (Sanches 2000-2001, 20-25)<sup>8</sup>. Na realidade a subfase III-2, que no registo arqueológico aparece de uma forma muito clara, não é mais que *o preciso momento do incêndio*. Este está datado de entre as últimas décadas do séc. I cal BC e o final do séc. I cal AD<sup>9</sup>. Ora, não nos parece arqueologicamente correcto assumir uma ocorrência – o incêndio – como uma subfase, a não ser que o estudo comparativo do restante espólio venha a dar substância a esta eventual distinção.

Assim, o que se verifica na área Leste do povoado é uma contínua reorganização espacial da área ocupada, sendo mais precavido neste momento manter este primeiro “momento” como um longo período de ocupação até que novos dados permitam divisões cronológicas ou culturais mais substantivas.

Após este incêndio dá-se uma verdadeira retracção do espaço habitacional com a construção de duas muralhas aproximadamente concêntricas. Esta será a subfase III-3 no final da qual se verifica também o abandono do povoado, não sem antes se ter procedido a um “enterramento” na plataforma inferior leste (Nunes e Ribeiro, 2000) num período que não podemos ainda precisar até termos datas de radio-carbono disponíveis.

## 5.2 Criação do povoado – Suas características mais pertinentes.

No primeiro, mas longo de cerca de 4 séculos, momento de ocupação, o Crasto é um povoado não demarcado fisicamente por muralhas. Contudo, a sua posição topográfica dominante sobre a paisagem periférica impunha-o por certo no conjunto do povoamento regional. Na realidade, a crista quartzítica onde se implanta domina o olhar em qualquer das direcções, nunca podendo passar despercebida às populações vizinhas.

Ainda que tenhamos proposto um faseamento que revela uma longa ocupação desde o séc. V AC à viragem da Era, foi somente na zona leste que encontramos as mais antigas estruturas habitacionais da Idade do Ferro (datadas de cerca do século V), feitas de materiais perecíveis e implantando-se na plataforma inferior e no talude externo. Na plataforma, petrificada desde o Calcolítico, foi removida, total ou parcialmente, a carapaça pétreo pré-existente tendo as unidades habitacionais sido parcialmente “enterradas” no seio desse soco pétreo.

Na parte média do talude o esforço de remoção de pedras foi muito maior pois atingiu a profundidade de cerca de 1 metro. Parece-nos que aqui o esforço foi compensado na medida em que as cabanas ficaram extremamente abrigadas dos ventos de nordeste. Estas cabanas – similares àquelas melhor preservadas pelo incêndio e descritas com maior pormenor a seguir –, possuem formas circular ou subcircular, delimitadas por vezes por anteparos pétreos.

Os objectos encontrados – nestes estratos mais antigos –, tanto cerâmicos como metálicos, são inexpressivos. As cerâmicas são maioritariamente lisas, com tratamentos de superfície entre o polido e o brunido, sendo a excepção as estampilhadas e as áticas. As cerâmicas estampilhadas possuem uma

---

<sup>8</sup> Nesta publicação ainda só se considerava que a fase inicial do povoado se situa na plataforma pois o talude exterior leste ainda não tinha sido integralmente escavado. Na presente data já podemos afirmar o talude exterior leste e a plataforma inferior do mesmo lado como sendo os locais onde se implantaram, mais ou menos em simultâneo, as mais antigas áreas habitacionais.

<sup>9</sup> O intervalo de maior probabilidade das 8 datas do incêndio é de 84,1 % e vai para 1 cal BC – 80 cal A.

decoração composta de círculos concêntricos com linhas incisivas, algo bastante vulgar no mundo Idade do Ferro e que não individualiza este conjunto material em relação a outros de áreas adjacentes. As cerâmicas áticas encontram-se em estudo, sendo que não podemos referir os seus tipos. No entanto a sua presença indica intercâmbios inter-regionais, quiçá indiciando trocas de âmbito social – na forma de pequenas ofertas –, que terão tido como objectivo o adiamento, ou a re-conformação do conflito social (cujo expoente máximo é a guerra), ou seja, a manutenção de um estado social latente pacífico (Maus, M; 1988). Outras explicações podem entretanto ser avaliadas, no momento da articulação de toda a documentação que ainda se encontra em estudo.

O conjunto cerâmico é composto, em primeiro lugar, por vasos de bordos esvasados, de perfil sinuoso, com carena média e de base recta e, em segundo, por globulares de bordo esvasado. Assim, este conjunto cerâmico indica ausência de características que normalmente são citados noutros povoados. Ausência de influências do litoral (ao nível formal, por ex., painéis de asa interior), e de outras da Meseta, (ao nível da técnica, cerâmicas a torno e pintadas – celtibéricas). Quer dizer, não é possível, por ora, filiar este conjunto artefactual em nenhum outro a nível peninsular que tenha cronologias aproximadas.

Nestes estratos mais antigos os materiais metálicos encontram-se pouco representados. Apenas foram encontrados pequenos fragmentos (rebites e placas), um fragmento de cerâmica com uma incrustação em ferro, e uma agulha. Assim, não é ainda possível caracterizar o conjunto de artefactos metálicos relativo ao período de criação do povoado.

### 5.3. Desenvolvimento do povoado

A ocupação da Idade do Ferro, ter-se-á, possivelmente, estendido por todo o espaço útil do morro; no entanto as escavações realizadas, devido a factores vários<sup>10</sup>, incidiram apenas em duas zonas principais. Assim, as áreas habitacionais escavadas, correspondentes ao nível do incêndio, encontram-se na zona leste e norte, nas plataformas e nos taludes (fig. 2). A inserção das cabanas na topografia pré-existente – sem que seja construída uma estrutura pétreo delimitadora, sinal de certo investimento global por parte da comunidade (Fernández-Posse, 1993) –, revela pouco investimento na transformação arquitectónica do sítio. Quer dizer, a ocupação da Idade do Ferro é total – na medida em que ocupa grande parte do espaço útil –, no entanto, é epidérmica, porque, ao contrário da ocupação calcolítica – que moldou a topografia do morro –, agora utiliza-o sem o transformar grandemente. Podemos dizer que só após a viragem da Era é que se dá uma mudança conceptual e física de vulto que faz com que se construa uma estrutura pétreo – duas linhas de muralha – que mudará a configuração arquitectónica, estética e visual do morro quartzítico.

#### 5.3.1. Zona Leste

Na plataforma inferior Leste foram identificadas e caracterizadas cinco unidades habitacionais (U. Hab.) incendiadas. Estas unidades são construções de forma circular ou subcircular, construídas na totalidade com materiais perecíveis (ainda que apresentando por vezes anteparos habitacionais pétreos de

<sup>10</sup> A evolução da escavação no Crasto de Palheiros deve-se aos objectivos de estudo, ao financiamento, à própria evolução do conhecimento acerca do sítio e sobretudo ao facto de que ainda só foram realizadas 8 campanhas de escavação que só deram a conhecer cerca de 10 % do espaço “útil” do povoado.

estrutura muito pouco cuidada e de altura diminuta – correspondentes a uma única fiada de pedras). O piso é de terra batida, tendo sido encontrados também pisos de argila endurecida. No entanto, no caso da U. Hab. 4, o solo foi cuidadosamente lajeado com pedras lisas de xisto e quartzito, assentes sobre argila.

Foram identificadas algumas lareiras, na sua maioria posicionadas lateralmente, na periferia das cabanas; cremos que se situariam possivelmente junto à porta de forma a sustentar a entrada de frio mas também para permitir a saída de fumos (Dias J.; 1949, 18-19). O posicionamento lateral das lareiras aponta para a existência de postes centrais que impossibilitavam a localização destas no centro das cabanas. Identificaram-se vários buracos de poste laterais, mas nunca foi detectado um único buraco de poste central. O poste central que sustentaria o vértice da estrutura elementar da cabana, à semelhança de outras estruturas deste género (Dias J.; 1949, 18), poderia apoiar-se directamente no chão, não necessitando obrigatoriamente do apoio de um buraco para o sustentar em pé.

Embora a documentação arqueológica permita identificar total ou parcialmente a planta das cabanas – circular ou subcircular – não sabemos como é que estas seriam construídas em altura. Podemos colocar duas hipóteses. Na primeira, as cabanas podiam ser estruturas de forma cónica sem paredes rectas, com vigas de sustentação em pinheiro e/ou medronheiro, mas com mais incidência neste último (Figueiral 2005) e com cobertura de ramagens. No entanto, os dados de antracologia não evidenciam tipos de ramagens susceptíveis de serem utilizadas como cobertura, como giestas<sup>11</sup>. Na segunda hipótese, as paredes seriam construídas totalmente com ramos e troncos de pinheiro e/ou medronheiro, a par de ramos de urze – dados evidenciados pelos estudos de antracologia efectuados e já indicados antes, – apanhados verdes e entrelaçados de forma a formar a parede, vertical em altura e curva em planta. Estas paredes seriam encimadas com uma cobertura cónica formada provavelmente com colmo, como na hipótese anterior. As cabanas de paredes rectas com cobertura cónica conhecem paralelos no mundo da Idade do Ferro, por ex. na província de Alava (Llanos A. 2002, 69-70). No entanto, nesta última região as paredes de ramagens entrelaçadas aparecem associadas a um uso intensivo de argilas de cobertura, tanto externas como internas, algo que não acontece no Crasto de Palheiros. No Crasto de Palheiros a calafetagem através de barro de revestimento seria pouco utilizada, porque os vestígios encontrados não são em quantidade suficiente para podermos afirmar que as cabanas eram revestidas desse material.

As U. Habs. ou “cabanas” escavadas possuem diâmetros reduzidos, entre os 3 e os 4 metros, e tudo aponta para que cada U. Hab. fosse uma unidade autónoma. Ao contrário de grande parte das habitações da Id. do Ferro, tanto do Litoral como da Meseta (Másia A., 1976, 58-60), que são compostas por vários núcleos de função diferente entre si – cozinha/quarto, armazém, oficina –, não podemos afirmar (pois o registo arqueológico não o permite) que as U. Habs do Crasto funcionassem em articulação arquitectónica e orgânica mútua. As cabanas circulares podem, segundo Llanos (2002, 62, 63, 70) ter uma organização radial, não hierarquizada, composta por vários núcleos de função diferente. No entanto, no Crasto, a contrariar esta hipótese, está o facto de o espólio cerâmico ser muito similar em todas as unidades, variando apenas na quantidade de artefactos metálicos, o que no las faz assumir como unidades autónomas.

As cerâmicas encontradas nas U. Habs incendiadas não diferem das dos estratos mais antigos. São, como aquelas, maioritariamente lisas, polidas ou brunidas e perduram as mesmas formas de perfil sinuo-

---

<sup>11</sup> O que domina são as cistáceas (urzes e afins). Tal facto permite colocar a hipótese, adiantado por I. Figueiral (2005) de que a cobertura poderia ter sido em colmo ou palha, dado a abundância de cereais (trigo e cevada) na área que estamos a analisar.

so, ou com carena. Assim, o conjunto cerâmico correspondente às U. Habs continua a ser extremamente inexpressivo, caracterizando-se pela ausência de formas e decorações originais.

Pelo contrário, o conjunto dos artefactos metálicos relacionados com as cabanas incendiadas revela uma expressividade original. Foram encontrados, entre outros materiais, fragmentos de dois caldeiros metálicos, uma pulseira e vários fragmentos não identificados, realizados tanto em ligas de cobre como em ferro<sup>12</sup>.

Esta grande expressividade faz-se notar nas diversas formas dos rebites dos caldeiros – piramidais, sub-rectangulares, subquadrangulares – similares a outros encontrados na meseta espanhola (Sastre; 1990, 12). Estes afirmam a sua originalidade e indiciam uma produção local ao introduzirem elementos ausentes dos caldeiros atlânticos conhecidos (Sastre; 1990, 17). Por sua vez, os caldeiros do Crasto de Palheiros possuem rebites recriados, aperfeiçoados esteticamente, que se afastam parcialmente dos modelos mesetinhos, mas nunca perdendo uma certa ligação formal àqueles.

A pulseira é um objecto extensamente decorado – com uma decoração exuberante, volumétrica e barroquizante –, de temática geométrica simples mas que foi utilizada cobrindo a totalidade da sua superfície. Esta decoração original encontra paralelos *indirectos* no mundo da Meseta Espanhola (Pinto D.; 2003). Contudo, faltam no Crasto e regionalmente, objectos quase iguais (ou com um grau de semelhança muito grande), o que nos leva a pensar que a produção destes é local. Por outro lado há que enfatizar no Crasto o facto de o conjunto dos artefactos metálicos contrastar enormemente com o conjunto cerâmico: as cerâmicas são lisas e os artefactos metálicos são extremamente decorados.

Podemos afirmar que a característica principal dos artefactos metálicos é o sincretismo, tanto a nível temático como formal. A escolha temática – formas decorativas geométricas –, a conjugação dos motivos – estruturação dos elementos geométricos escolhidos –, e a conjugação decoração-forma são etapas extremamente cuidadas na manufactura destes artefactos. Quer dizer, cada artefacto é pensado na sua individualidade, como um artefacto único a elaborar, onde criativamente se conjugam determinadas formas com determinadas decorações. No entanto, os objectos mantêm entre si um certo ar de família. Tal facto resulta da similitude dos motivos usados e da forma como são organizados e elaborados, particularmente, através de um tratamento volumétrico notório e de uma conjugação particularmente barroquizante (entre os elementos decorativos).

Assim, se por um lado o sincretismo formal e decorativo dos artefactos metálicos (e particularmente os de adorno, que são a maioria) indica uma forte individualidade, paralelizável com o grau de “independência identitária” dessa comunidade, as semelhanças observadas permitem uma leitura complementar. Sugerem, a nosso ver, uma necessidade de identificação supra-regional, a um outro nível das relações extra-povoado, com aqueles grupos com os quais partilham semelhanças estéticas. A ausência de semelhanças ao nível das cerâmicas pode corresponder simplesmente a uma característica cultural (tradicional ou histórica). A atenção é focalizada nos metais em detrimento da cerâmica, é o que podemos por ora sugerir.

<sup>12</sup> Para informações mais pormenorizadas ver em Pinto, D.; 2003.

### 5.3.2. Zona Norte

A zona Norte é constituída por uma plataforma delimitada pelo talude externo, calcolítico, e subdividida em duas por um grande afloramento central. Aqui foram, respectivamente, identificadas duas áreas habitacionais que embora localizadas na mesma plataforma se consideram divididas pelo afloramento (Fig. 5.3 e 5.4).

A plataforma mais a Oeste (Fig. 5.3) é uma pequena área de cerca de 50 m<sup>2</sup>, isolada devido não somente aos dois grandes afloramentos laterais como à encosta Oeste e ao talude, a norte. Nesta pequena área não foram identificadas U. Habs individualizadas, ainda que tenham sido encontrados inúmeros cossoiros, contas de colar e objectos metálicos. No entanto foi também encontrada uma fossa-forno<sup>13</sup> que se encontrava limpa de quaisquer dejectos e condenada. Esta condenação é anterior à construção da muralha e de uma pequena torre adossada ao afloramento, que em parte inutiliza a fossa-forno. Assim, podemos afirmar que a utilização da fossa-forno se faz antes da construção da muralha, conjugando-se com o grande momento de ocupação que nos ocupa neste momento.

A plataforma a Este do afloramento central tem cerca de 140 m<sup>2</sup> (Fig. 5.4), e aqui foram identificadas e escavadas 4 U. Habs e foram identificadas mais 2, que ainda não se encontram totalmente escavadas, sendo que uma delas possui uma anteparo pétreo (de apenas uma fiada de pedras) relativamente cuidado.

Estas unidades são similares àquelas da zona Leste – tanto formalmente como em relação à sua implantação – tendo sido implantadas na plataforma delimitada pelo talude externo e no próprio talude (mais propriamente na quebra deste). As remoções realizadas no talude calcolítico foram feitas de uma forma menos invasiva do que na zona Leste, não tendo sido identificados cortes profundos na estrutura pétreo pré-existente. A implantação das U. Habs, fez-se em toda a plataforma inferior, a Este do afloramento central, e na parte superior do talude externo. As 4 cabanas escavadas encontravam-se a cotas diferentes, porque umas estão no talude e outras na plataforma, sendo o desnível entre umas e outras de cerca de 1 m.

Assim podemos dizer que tanto na zona norte como na zona leste, as U. Habs são implantadas sem um plano prévio e sem preocupações de ordenação de espaços externos comuns. Os espaços de circulação entre as cabanas são meândricos, desnivelados e estreitos. Quer dizer, a circulação é feita em volta das cabanas de uma forma caótica, contornando-as, mas também galgando os espaços desnivelados que as separam. Estes espaços externos de circulação são pisos de terra batida argilosa. Porém, também foram encontrados espaços externos detríticos – onde possivelmente não se circulava –, nos quais se recolheram ossos e cerâmica. Não foram identificados anexos ou taipais que vedassem caminhos ou espaços, o que acentua ainda mais a cabana isolada como unidade autónoma.

Assim, tanto na zona leste como na norte, podemos concluir que a área habitada é muito densa, revelando pouca preocupação com a privacidade individual ou familiar, o que contrasta com grande parte da realidade da Idade do Ferro Peninsular.

---

<sup>13</sup> A fossa-forno é uma estrutura subcircular, de 1,20 m de diâmetro, com 0,60 de altura, de fundo pétreo e paredes de terras argilosas, com indícios de terem estado sujeitas a elevadas temperaturas. Os materiais associados são poucos, tanto cerâmicos como metálicos. No entanto o aparecimento de um utensílio de ferreiro leva-nos a pensar esta fossa-forno como uma estrutura de combustão metalúrgica. Este assunto será mais desenvolvido na monografia a publicar sobre o Crasto de Palheiros.

## 5.4 Fase final do povoado

A ocupação de cerca de 4 séculos terminou com um incêndio de grandes dimensões que destruiu todas as habitações conhecidas (e até agora escavadas). Este incêndio teve consequências físicas (na destruição das habitações) mas sobretudo sociais. Após este incêndio, o Crasto de Palheiros foi reorganizado de uma forma distinta da anterior. Esta segunda ocupação deu-se entre o séc. I e II AD e é caracterizada pela redução do espaço habitacional e pela construção das muralhas.

As muralhas foram implantadas nas quebras dos taludes calcolíticos – que delimitam dois espaços principais – a plataforma superior ou interior, e a plataforma inferior ou exterior –, descrevendo duas linhas genericamente concêntricas que circunscrevem, e por vezes constringem, as ditas plataformas criadas pelos taludes pétreos e pela topografia natural do terreno.

Caracterizando genericamente as muralhas, podemos dizer que a “muralha” é uma estrutura pétreia, construída em pedra seca, com pedras não trabalhadas a pico. As pedras utilizadas foram o xisto e o quartzito, que possuem uma face lisa – quando retiradas das zonas de diáclase dos afloramentos –, e as outras mais irregulares. Quando colocadas com esta face lisa virada para o exterior, formam um paramento liso, regular, ainda que um pouco caótico se comparado com os paramentos helicoidais de pedras trabalhadas a pico (Fig. 4.2). Este paramento é, visualmente, muito imponente, possui uma face completamente lisa, reluzente – quando iluminada pela luz solar de uma forma rasante – esteticamente muito cuidada.

A estrutura da muralha é muito simples. Foi erguida colocando pedras sobre pedras, construindo, ao mesmo tempo, face interna e face externa. Não possui interior com pequenas pedras, nem pedras de grande porte que a atravessem longitudinalmente dando-lhe consistência. Esta muralha é sobretudo um grande muro, de cerca de 3 metros de espessura.

A muralha foi implantada na quebra dos taludes calcolíticos, como já se disse, aproveitando a parede semi-vertical daqueles taludes. Este tipo de construção faz com que a muralha seja adossada a sedimentos e as estruturas anteriores, não sendo uma estrutura isolada e isenta. Quase na totalidade do seu percurso a muralha é simultaneamente uma estrutura adossada a sedimentos, que na sua parte superior se isola, formando um muro com duas faces. A altura da muralha nas partes adossadas da base possui em média 2 m; porém na parte isolada desconhecemos grandemente a altura devido à sua destruição natural e intencional (esta já na época contemporânea). Se nos guiarmos pela face interna da muralha exterior norte, na sua zona oeste, nunca poderia ter menos de 1,2 m.

As muralhas adossadas são tidas por Queiroga<sup>14</sup> como estruturas que não se poderão denominar de muralhas pois, aparentemente, apenas teriam como intenção criar plataformas habitacionais e não espaços divididos e defendidos por elas. No entanto manteremos a denominação de muralha para as estruturas pétreas do Crasto de Palheiros pois, – ainda que adossadas em grande parte do seu percurso –, estas cortaram nalguns locais as plataformas habitacionais anteriores e reduziram o espaço habitacional. Por outro lado, na zona oeste da plataforma inferior norte, a muralha exterior mostra que “subiu” pelo menos 1,20 m acima do solo habitado. Assim sendo, o seu adossamento não mais é do que um método construtivo de alicerçamento adaptado às condições físicas do local. Lembremos aqui que as plataformas

<sup>14</sup> Comunicação de Francisco Manuel Queiroga: “Guerra y castros en el norte de Portugal” na Reunião Internacional “Castros y Verracos- Las gentes de la edad del hierro en el occidente de Iberia”, Ávila, 9, 10 e 11 de Novembro de 2004.

já haviam sido delineadas pela ocupação calcolítica, ainda que estivessem algo alteradas pela criação de áreas habitacionais, mas com estruturas percíveis, durante o primeiro momento da Id. do Ferro. É a este conjunto físico e topográfico que os alicerces das muralhas se adaptam.

A construção da muralha, na última fase de ocupação do Crasto de Palheiros, indicia um certo grau de mudança social. Aparentemente poderíamos entender a muralha do povoado como uma estrutura defensiva – dentro do quadro sócio-político do I século BC, ou na mudança de Era. No entanto, a evolução da ocupação dentro desta fase contraria esta interpretação. Na zona leste foi encontrado um enterramento estruturado que destrói parte da muralha exterior, continuando a ocupação doméstica por sobre ele (Nunes, 2000). Este enterramento destrói a muralha de uma forma técnica, mas sobretudo de uma forma simbólica. Usa-se o sítio da muralha para enterrar um ente querido ou socialmente valorizado. Assim, a construção tardia da muralha não pode ser lida de uma forma simplista, funcional, quando ela própria parece sofrer rapidamente uma transformação que a inviabiliza como estrutura puramente defensiva, e portanto como obra de fortificação.

A caracterização do espaço habitacional desta fase é muito difícil de realizar pois corresponde aos estratos superficiais da estação, extremamente revolvidos pelos trabalhos agrícolas efectuados num passado recente. Não foram identificadas U. Habs.<sup>15</sup> individualizáveis. Porém, podemos deduzir que continuaram a ser construídas em materiais percíveis, pois não foram encontrados vestígios de petrificação. Além disso, os vestígios analisados pela antracologia também podem ser interpretados nesse sentido.

As cerâmicas caracterizam-se essencialmente por um tratamento de superfície rugoso. Nesta última fase aparecem vasos feitos com pastas um pouco mais micáceas que a generalidade daquelas encontradas em toda a anterior ocupação da Id. do Ferro. Têm um tratamento de superfície “cepilhado” ou “escobilhado” e também “areado”<sup>16</sup> o que torna a superfície rugosa e de aspecto opaco. Estes vasos são muito diferentes de todos os outros que primam sobretudo por tratamentos de superfície dentro do polido e brunido.

Ao nível dos metais aparecem pela primeira vez materiais de influência romana, como fíbulas de pé alto anelado – que na sua fase de utilização mais tardia está intimamente relacionada com a conquista romana (Ponte S.; 2001) – e em ómega, de remates encurvados. Uma das fíbulas em ómega é proveniente de uma cabana construída no espaço desabrigado da acrópole (Plataforma superior), e que se encontra isolada dentro do contexto habitacional da Id. do Ferro.

Na zona norte do Crasto os vestígios mais concisos desta ocupação encontram-se na pequena plataforma situada mais a Leste, junto ao fecho da muralha, localizando-se junto a um grande penedo e a um grande afloramento. Nesta área habitacional (n.º 14) não foram encontradas estruturas pétreas, como anteparos; no entanto foram encontrados vestígios que indicam uma unidade habitacional adossada à muralha. Junto à face interna da muralha foram encontradas lajes dispostas na horizontal delimitando um pequeno espaço com piso de argila cor de laranja muito endurecido, tal como um amarelo também muito endurecido. O tamanho destes pisos rondava o 1,50m de comprimento e uns 0,60m de largura. Foi

---

<sup>15</sup> Na zona leste foi identificada uma área habitacional (n.º 6), na qual se realizaram algumas operações de transformação de materiais, nomeadamente a manufactura de contos de vidro e muito provavelmente processos metalúrgicos.

<sup>16</sup> A superfície do vaso é trabalhada com areia de forma a torná-la rugosa, com um aspecto distinto do escobilhado ou cepilhado, que se obtém pela abrasão com objectos de ponta romba (tipo pentes ou vassouras).

uma argila exposta a ambientes agressivos, o que pode indiciar uma utilização deste piso como lareira, um pouco à imagem de outras lareiras do espaço peninsular da Id. do Ferro (Másia; 1976, 88-92).

Os materiais arqueológicos encontrados, cerâmicas e metais, assemelham-se aos da zona leste do Crasto, os quais já foram descritos anteriormente.

A ocupação desta última fase revela um grande corte arquitectónico com a fase anterior devido à construção das muralhas que mudam a configuração estética do morro; no entanto o registo material não revela diferenças significativas relativamente ao anterior.

Após esta ocupação de curta duração o povoado é definitivamente abandonado. O registo arqueológico não revela qualquer tipo de destruição contemporânea das muralhas e portanto supomos que o abandono deste se tenha processado de um modo gradual, ou mesmo de um momento para outro, mas de uma forma pacífica.

## 6. Integração cronológico-cultural

A ausência de estudos sobre a Idade do Ferro de Trás-os-Montes dificulta a integração do Crasto de Palheiros no contexto sócio-económico deste período nesta região. O Crasto de Palheiros é o primeiro povoado da Idade do Ferro a ser extensamente escavado na região mais oriental de Trás-os-Montes e, como tal, todas as características que hoje nos parecem originais poderão ser características gerais de uma região da qual pouco ou nada se sabe.

Aparentemente, o Crasto destaca-se do contexto da Id. do Ferro peninsular pelas suas características originais de povoado não amuralhado até ao século I<sup>o</sup> DC. A construção de estruturas defensivas aparece no meio da investigação deste período como intimamente relacionada com o conceito de povoado da Idade do Ferro. Assim, a fundação das áreas habitacionais e a construção de estruturas complexas, como muralhas, fossos, pedras fincadas, são tidas maioritariamente como momentos coevos. Esta contemporaneidade dá-se a nível físico mas sobretudo conceptual. Isto quer dizer que, as comunidades conceptualizam o povoado como um todo, como que tendo um “projecto” arquitectónico e só depois iniciam a sua “construção”. Ora, os dados obtidos no Crasto de Palheiros, mas também noutras localidades, como Crastoeiro, Mondim de Basto (Dinis; 2001) contrariam esta tendência geral a nível peninsular e a nível regional.

Na região transmontana, S. Juzenda em Mirandela possui uma muralha fundacional que corresponde aos estratos mais antigos, que foram entendidos como pertencentes ao Bronze Final (Höck M; 1980, 66) apesar de estes estratos não terem sido datados (Höck M 1980; Pinto D. 2004). No Muro da Pastoria, em Chaves, a muralha pode considerar-se mais tardia mas funciona com toda a ocupação, durante o século I AC. (Soeiro T. 1983, 28). Esta ocupação difere da do Crasto de Palheiros porque aquele povoado nunca foi ocupado como um povoado aberto. Assim, ainda que possuindo uma muralha quase tão tardia como a de Palheiros, o sentido da ocupação é diferente, pois a muralha faz parte do “projecto” arquitectónico desde a sua origem.

A Idade do Ferro do Litoral (área da “cultura castreja”) é marcada desde o século IV/III, pela construção de muralhas e pelo fenómeno de petrificação das habitações (Almeida; 1983, 71). Na Meseta

Espanhola também os povoados possuem muralhas fundacionais de momentos iniciais da Idade do Ferro (Fernández-Posse; Sánchez-Palencia, 1998).

Assim o Crasto de Palheiros afigura-se como uma excepção dentro do mundo da Idade do Ferro Peninsular. As razões desta tão grande diferença são ainda difíceis de discernir, e só o poderemos fazer quando os estudos desta região estiverem mais desenvolvidos.

Os povoados da Pastoria, S. Juzenda e Palheiros utilizaram uma solução construtiva similar para as suas muralhas. Todas elas foram construídas adossadas a sedimentos anteriores<sup>17</sup>, técnica já utilizada no Bronze Final do Entre Douro e Minho, no povoado de S. Julião (Martins, 1985). Apesar da técnica ser muito simples, porque permite levantar rapidamente a parede externa da muralha, estas estruturas cumprem com igual eficácia a função de marcadores visuais e espaciais. Estas muralhas são construídas de forma a criarem uma barreira, uma parede monumental, mais do que um recinto delimitado e protegido, ou mesmo uma plataforma sustentada por ela. Quer dizer a construção destas muralhas tem como objectivo a criação de novos espaços, bem como condições sociais e políticas de vivência destes espaços intra e extra muros.

Na construção das muralhas do Crasto de Palheiros são utilizadas pedras locais, que por sua vez condicionam o aparelho. Para a implantação das muralhas dá-se um aproveitamento dos afloramentos rochosos e uma adaptação ao terreno, descrevendo subidas e descidas, algo que também acontece nos povoados da província de Zamora (Esparza; 1983/1984, 132). O Crasto de Palheiros, parece possuir algumas semelhanças com a Id. do Ferro Zamorana, tanto a nível arquitectónico como a nível dos materiais nomeadamente os metálicos (Pinto; 2003).

A construção das cabanas em materiais perecíveis é vulgar em numerosos sítios da Id. do Ferro entre os séculos VI e IV AC, como Neixón, Castro Mau, Cameira, Facha, Santiago de Chaves (Almeida, 1983, 70) entre outros (ver Llanos; 2002). Mas normalmente esta situação muda a partir do século IV AC., quando os povoados passam a possuir cabanas construídas em pedra. Porém, o Crasto de Palheiros não é um caso único de perduração das construções em materiais perecíveis; também o Castro de Troña, na Galiza, possui cabanas deste género entre 450 AC e 50 DC, altura em que são petrificadas (Cuñarro; 1993, 164). Entre o século I AC e o I DC dá-se a petrificação das habitações – que se tornam formalmente mais variadas e complexas (formas elípticas, redondas, rectangulares, algumas com vestíbulo) –, e aparecem materiais romanos.

Na generalidade, a partir do século II AC as relações com mundo romano intensificam-se e em grande parte da Península Ibérica o século I DC. é já “mundo romano”. Apesar deste facto, a ocupação do Crasto de Palheiros mostra poucas ou nenhuma relações com esse “mundo”. Os materiais cerâmicos não evidenciam contactos com os romanos e as características do povoado afastam-no da evolução conhecida para a Idade do Ferro Peninsular quando marcada por uma forte presença romana.

O Crasto de Palheiros, apesar de ser um povoado em altura, não revela grandes preocupações defensivas. O facto de o povoado ser de altura não é um factor que demonstre sem dúvidas uma necessidade de defesa, mas antes um domínio sobre o exterior. As necessidades defensivas só se podem considerar consumadas aquando da construção de fortificações que materializem essas mesmas necessidades. Assim,

---

<sup>17</sup> No Muro da Pastoria a muralha foi construída com blocos graníticos bem picados, trabalhados por pedreiros, o que revela uma técnica distinta da de Palheiros (Soeiro; 1983, 23)

este povoado é essencialmente aberto até ao século I DC, o que não quer dizer que não assuma uma posição visual dominante sobre toda a periferia, onde se encontrava o território deste e doutros grupos.

A ocupação que é contemporânea da muralha não revela mudanças significativas a nível da cultura material, relativamente ao momento antecedente. Os artefactos metálicos continuam uma tradição de manufactura anterior (Pinto; 2003) e nas cerâmicas, ainda que com pastas mais micáceas, não são introduzidas novas formas. Aparecem alguns artefactos metálicos romanos mas tendo em conta todas as outras características do povoado, não são suficientemente significativos para podermos afirmar que esta fase de ocupação foi marcada culturalmente pelo mundo romano.

Em conclusão, a ausência de estudos não permite perceber a evolução cultural da Idade do Ferro nesta região. O Crasto de Palheiros parece indicar que a Idade do Ferro de Trás-os-Montes tem uma evolução autónoma, própria e original relativamente às regiões com as quais fazia fronteira – Meseta Espanhola e Litoral. Estudos futuros poderão revelar que esta região não se poderá denominar de periférica mas sim de diferente. Uma região com características diferentes, não tão “brilhantes” mas sem dúvida originais e muito próprias. O processo de aculturação romano é só uma pequena parte da Idade do Ferro. Há que procurar caracterizar estas comunidades na forma como elas se viam a si próprias e não como eram vistas. Esta meta só pode ser cumprida se os estudos da Idade do Ferro continuarem a ser desenvolvidos de uma forma constante e perene.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1983) Cultura Castreja. Evolução e problemática. *Arqueologia* n.º8, Porto, pp. 70-74.
- AMORIM, I. S. B. (1999), *Crasto de Palheiros (Murça). As Ocupações da Pré-história e da Proto-história na Plataforma Inferior*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- ARROYO, Ángel Esparza (1983/1984) Los castros de Zamora Occidental y Trás-os-Montes Oriental: Habitat y cronología, *Portugália*, nova série, vol. IV/III, pp. 131-146.
- BARBOSA, S. C. P. (1999), *O Crasto de Palheiros – Murça. Contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- COSTA, J. C.; AGUIAR, C.; CAPELO, J. H.; LOUSÁ, M. e NETO, C. (1998) Biogeografia de Portugal Continental. *Quercetea*, 0, Alfa, FIP, (Eds.) Bragança.
- CUÑARRO, José Manuel Hidalgo (1993), Consideraciones generales sobre el Castro de Troña y Vigo (España), *Lucerna*, vol. 3, 2ª série, Porto, pp. 161-190.
- DIAS, Jorge (1949), O problema da reconstituição das casas redondas castrejas, Porto, *TAE*, vol XII (1-2), pp. 5-47.
- DINIS, A. Pereira (2001), O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal), *Cadernos de Arqueologia*, n.º 13, Universidade do Minho, Instituto de Ciências sociais, Braga.
- FERNANDEZ-POSSE, Maria Dolores; MONTERO, Ignacio, SANCHEZ-PALENCIA, F. Xavier; ROVIRA, Salvador (1993), Espacio y metalurgia en la cultura castreña: La zona arqueológica de las Medulas, *Trabajos de Prehistoria*, 50, pp. 197-220.
- FERNÁNDEZ-POSSE, M.ª Dolores; SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Xavier (1998), Las comunidades campesinas en la cultura castreña, *Trabajos de Prehistoria*, 55, n.º 2, pp. 127-150.
- FIGUEIRAL, I.; SANCHES, M. J. (2003), Eastern Trás-os-Montes (NE Portugal) from the Late Prehistory to the Iron Age: the land and the people, *The Mediterranean World Environment and History*, Eric Fouache (ed.), Elsevier SAS, pp. 315-329.
- FIGUEIRAL, I. (2005) O Crasto de Palheiros (Murça, NE Portugal): a exploração dos recursos vegetais durante o IIIº e o Iº milénios, in, Sanches, M. J. (coord.) *O Crasto de Palheiros – Murça (Vila Real). Resultados das escavações de 1995 a 2004*, C. M. Murça (no prelo).
- GOMES, I. M. T (2001-2002), “Estudo do material lítico do Crasto de Palheiros – Murça. Uma primeira proposta metodológica – 1ª parte”, *Portugália*, n/s, XXI-XXII, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 41-101.
- GOMES, I. M. T (2002), “Estudo do material lítico do Crasto de Palheiros – Murça. Uma primeira abordagem metodológica – 2ª parte”, *Portugália*, n/s, XXIII, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 35-115.
- HÖCK, Martin (1980), Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (concelho de Mirandela), *Actas do I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, *Revista de Guimarães*, vol. II., Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 55-70.
- LLANOS, Armando (2002), *Gentes del Hierro en privado – La casa de la Edad del Hierro en Álava*, Museo de Arqueología de Álava, Álava.
- MARTINS, Manuela (1985), A ocupação do Bronze Final da Citânia de S. Julião, em Vila Verde, *TAE*, vol. 25 (2-4), Porto, pp. 197-222.

- MÁSIA, Ana Romero (1976), *El habitat castreño – Asentamientos y arquitectura de los castros del N. O. Peninsular*, Publicacions do Colexio de Arquitectos de Galicia, Santiago.
- MAUSS, M. (1988) Ensaio Sobre a Dádiva?, Coleção Perspectivas do Homem, nº 29, edições 70, Lisboa.
- PINTO, Dulcineia C. B. (2003), Castro de Palheiros-Murça. *Estudo morfológico e contextualização cronológico-espacial dos artefactos metálicos da Idade do Ferro*, Trabalho de Seminário de 4º ano de Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Univ. do Porto (policopiado).
- PINTO, Dulcineia C. B. (2003), Os artefactos metálicos do Crasto de Palheiros (Murça, Trás-os-Montes) e suas relações com a Proto-história peninsular, *Actas do Encontro de Jóvenes Investigadores sobre Bronce Final y Edad del Hierro en la Península Ibérica* (Salamanca, 20 a 23 de Outubro de 2003).
- PINTO, Dulcineia C. B. (no prelo) Existe uma ocupação Proto-histórica em Trás-os-Montes antes da ocupação Romana? Reflexões sobre o tema, *Comunicação apresentada ao 1º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Interior*, 26 de Abril a 2 de Maio de 2004
- PONTE, Salette da (2001): *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-históricas e Romanas: Portugal*, Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras do Porto, Porto (policopiada).
- SANCHES, M. J. (1996), “O Crasto de Palheiros – Murça. Notícia Preliminar das escavações de 1995 e 1996”, *Actas do IIº Congresso de Arqueologia Peninsular*, II, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, pp.389-399;
- SANCHES, M. J. (1997), *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro* (2 vol.), Textos, 2, SPAE, Porto;
- SANCHES, M. J. (2001), “O Crasto de Palheiros (Murça – Trás-os-Montes). Interpretação dum sítio fundado nos alvares da metalurgia calcólica e exposição dum novo programa de estudo e musealização”, *Actas da Reunión Minería y Metalurgia de la Edad del Bronce. Una revisión desde el valle del Duero*, Zamora 1 y 2 de Junio 2001, Instituto Rei Afonso Henriques .
- SANCHES, M. J. (2001-2002), “O Crasto de Palheiros – Murça. Do Calcólico à Idade do Ferro,” *Portugália*, n/s, XXI-XXII, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 5-40.
- SANCHES, M. J. (2002), “Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, northern Portugal) in late prehistory”, *ARKEOS – Perspectivas em diálogo*, Instituto Politécnico de Tomar, n.º 12, pp. 65-105.
- SANCHES, M. J. (2003), “Crasto de Palheiros – Murça. Reflexão sobre as condições de estudo e de interpretação duma mega-arquitectura pré-histórica no Norte de Portugal”. In *Recintos Murados da Pré-história Recente*, JORGE, S. coord. Porto/Coimbra, DCTP/FLUP, pp. 115-148.
- SANCHES, M. J. (2004), Crasto de Palheiros – Murça (Northern Portugal). Considerations on the study and interpretation of a prehistoric mega-construction, *Journal of Iberian Archaeology*, 6, ADECAP, Porto, pp. 117- 145.
- SANCHES, M. J. e AUGUSTO, Marcelino G. (1999), *Crasto de Palheiros: o Monumento e o Povoado durante a Pré-história*, Desdobrável Editado Pela Câmara Municipal de Murça, Murça (10 págs.) (traduzido também para inglês e francês).
- SASTRE, F. J. González-Tablas (1990), La necropolis de “Los Castillejos de Sanchorreja” su contexto histórico, *Acta Salmaticensia*, Estudios Historicos y Geograficos 69, Salamanca.
- SOEIRO, Teresa (1983), Muro da Pastoria, Chaves, Campanha de Escavação de 1982, *Portugália*, vol. VI/VII, nova série, 1985/1986, pp. 21-28.



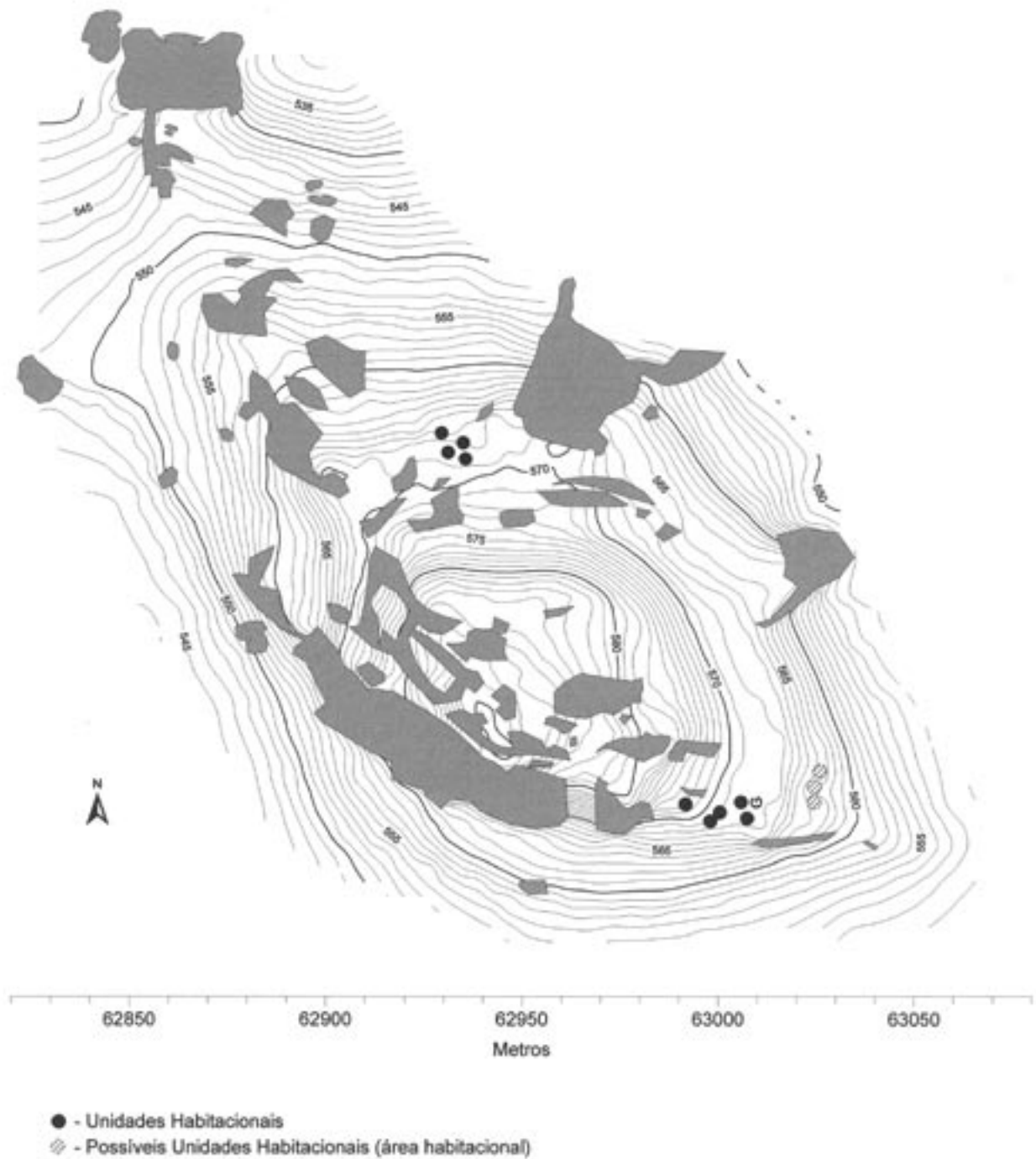


Fig. 2. Planta topográfica do Crasto (2002). Marcam-se de modo esquemático as unidades habitacionais escavadas correspondendo sobretudo à fase terminal do primeiro grande momento de ocupação, onde o povoado ainda não possui muralhas. Aparecem localizadas na plataforma inferior: 4 na parte norte (e onde duas das quais se sobrepõem já ao talude calcítico pré-existente) e 5 na parte sul desta plataforma; outra área habitacional foi escavada na zona do Talude exterior leste, mas os contornos das unidades habitacionais não puderam ser definidos. Uma estrutura de planta em G é também assinalada. (Figura elaborada graficamente por Rafael Moraes).

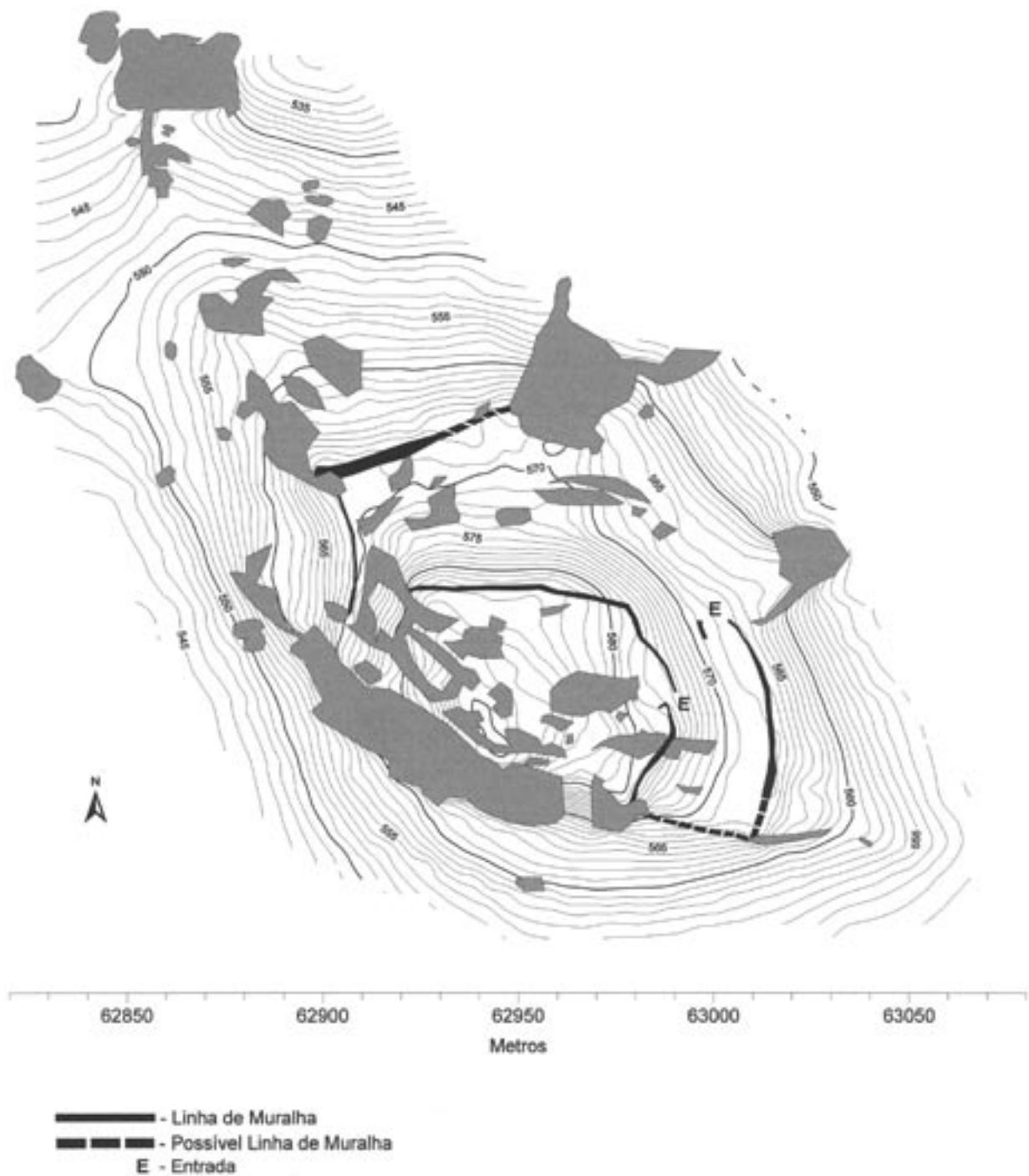
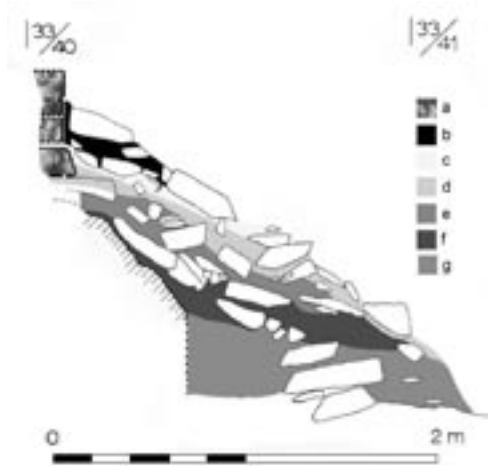


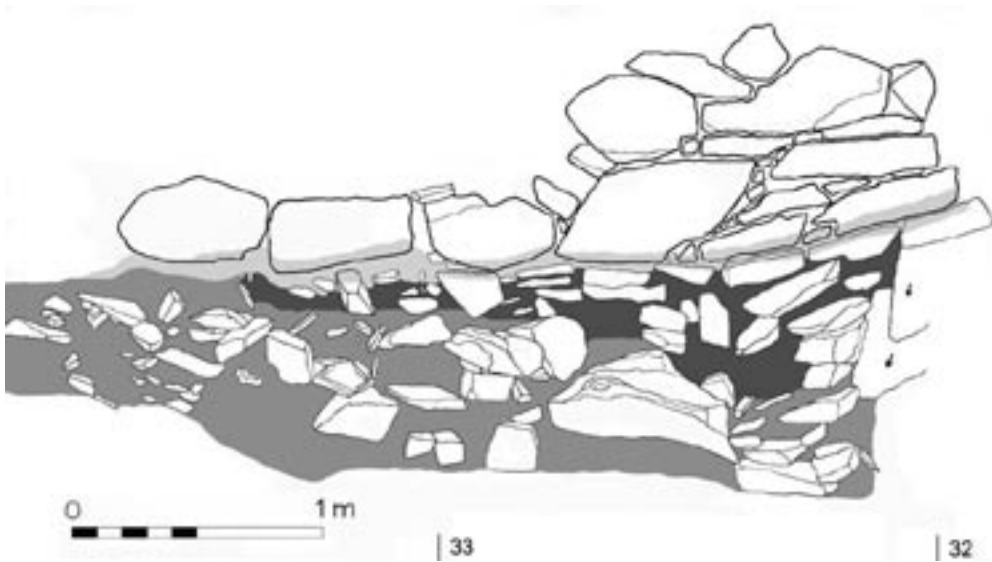
Fig. 3. Planta topográfica do Crasto (2002) na sua fase terminal de ocupação. Marcam-se as duas linhas de muralha: uma interior, contornado a plataforma superior\_ e onde se indica uma entrada E\_, e uma exterior, demarcando o povoado pelo exterior. Na zona nordeste, a destruição não permite seguir o seu traçado. Nesta última muralha indica-se ainda uma entrada E\_, provavelmente espessada, mas muito destruída.( Figura elaborada graficamente por Rafael Morais).

Fig. 4. Plataforma inferior norte.



1- Corte estratigráfico N-S, Vista lateral da sequência estratigráfica correspondente à U. Hab. 9:

- a - Muralha,
- b - camada humosa;
- c - nível de construção da muralha;
- d - nível do incêndio - anterior à muralha;
- e - solo argiloso correspondente à ocupação da U. Hab. 9;
- f - camada de entulho (zona de revolvimento do talude calcolítico);
- g - talude calcolítico .



2. Vista frontal da "mesma" sequência estratigráfica, mas agora paralela à muralha, vista do exterior;



3. A mesma vista frontal de 2, agora em foto. Os asteriscos indicam a camada estratigráfica correspondente à U. Hab. 9 ( ver em cima, d e e).



Fig. 5:1. Crasto visto de Leste, onde se exibem claramente as duas plataformas ( superior e inferior), bem como os taludes que as sustentam.



.2. Unidade habitacional 2, incendiada, na plataforma inferior leste; **m**- moinho dormente .



3. Plataforma inferior norte na sua zona oeste. Além da área escavada, foi marcada a muralha- **M**-, um torreão- **T**-, e uma fossa ( de fundição?)- **F**.



4. Plataforma inferior norte na sua zona leste. Marca-se a tracejado o contorno exterior da plataforma ( muito destruída), que coincide aproximadamente com o contorno da muralha- **M**.